

A CÚPULA
Livro 1

STEPHEN KING

A CÚPULA

Livro 1

Tradução de
ANA LOURENÇO



BERTRAND EDITORA

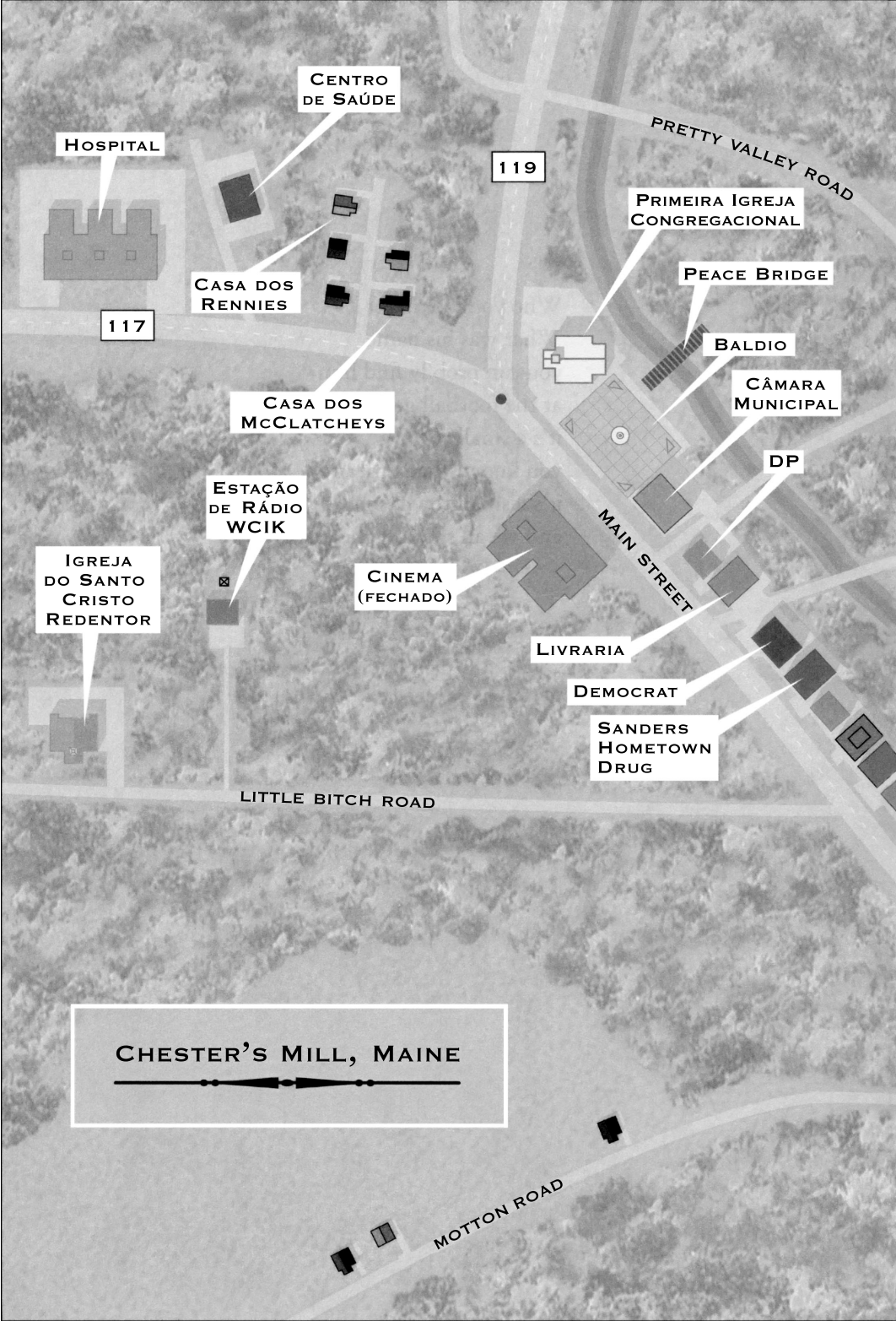
Lisboa 2013

*Em memória de Surendra Dabyabhai Patel.
Temos saudades tuas, meu amigo.*

*Who you lookin' for
What was his name
you can prob'ly find him
at the football game
it's a small town
you know what I mean
it's a small town, son
and we all support the team*

JAMES MCMURTRY

[Quem procuras?
Como se chamava?
Deves encontrá-lo
no jogo de futebol.
A cidade é pequena,
sabes o que quero dizer,
a cidade é pequena, filho,
e todos apoiamos a equipa.]



HOSPITAL

CENTRO DE SAÚDE

119

PRETTY VALLEY ROAD

PRIMEIRA IGREJA CONGREGACIONAL

CASA DOS RENNIES

PEACE BRIDGE

117

BALDIO

CASA DOS MCCLATCHEYS

CÂMARA MUNICIPAL

ESTAÇÃO DE RÁDIO WCIK

DP

IGREJA DO SANTO CRISTO REDENTOR

CINEMA (FECHADO)

MAIN STREET

LIVRARIA

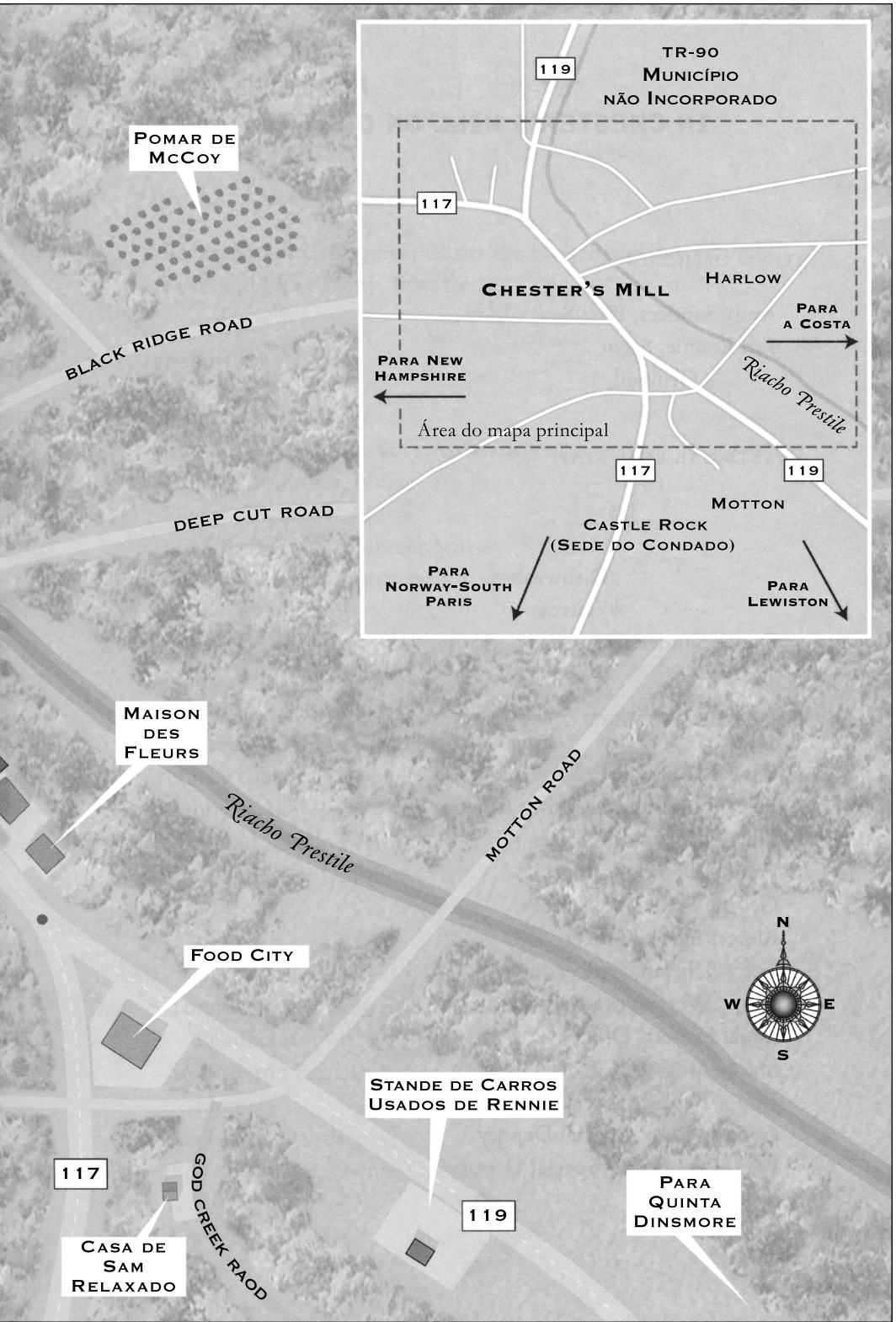
DEMOCRAT

SANDERS HOMETOWN DRUG

LITTLE BITCH ROAD

CHESTER'S MILL, MAINE

MOTTON ROAD



POMAR DE MCCOY

BLACK RIDGE ROAD

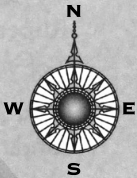
DEEP CUT ROAD

MAISON DES FLEURS

Riacho Prestile

MOTTON ROAD

FOOD CITY



STANDE DE CARROS USADOS DE RENNIE

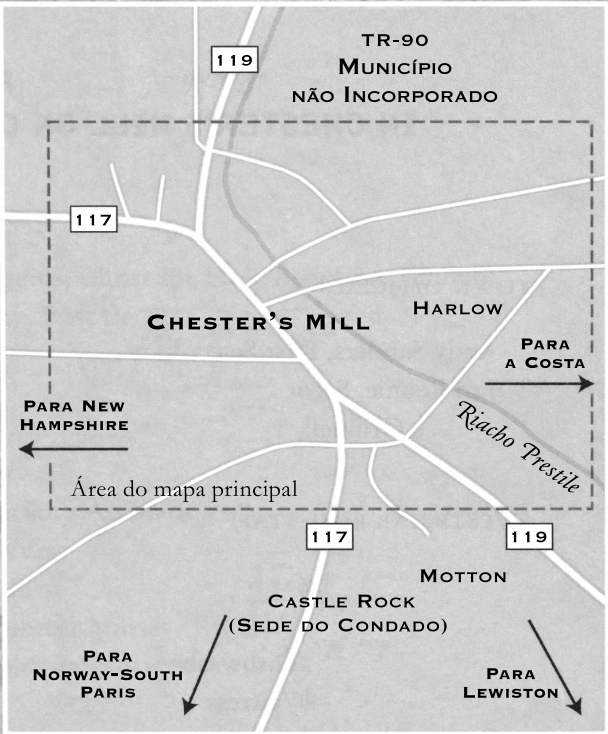
PARA QUINTA DINSMORE

117

CASA DE SAM RELAXADO

SOD CREEK ROAD

119



TR-90
MUNICÍPIO
NÃO INCORPORADO

117

119

CHESTER'S MILL

HARLOW

PARA NEW
HAMPSHIRE

PARA
A COSTA

Riacho Prestile

Área do mapa principal

117

119

MOTTON

CASTLE ROCK
(SEDE DO CONDADO)

PARA
NORWAY-SOUTH
PARIS

PARA
LEWISTON

ALGUNS (MAS NÃO TODOS) DOS PRESENTES
NO DIA DA CÚPULA EM CHESTER'S MILL

AUTORIDADES MUNICIPAIS

Andy Sanders, primeiro conselheiro
Jim Rennie, segundo conselheiro
Andrea Grinnell, terceira conselheira

EMPREGADOS DO SWEETBRIAR ROSE

Rose Twitchell, proprietária
Dale Barbara, cozinheiro
Anson Wheeler, lavador de pratos
Angie McCain, empregada de mesa
Dodee Sanders, empregada de mesa

ESQUADRA

Howard «Duke» Perkins, chefe
Peter Randolph, subchefe
Marty Arsenault, agente
Freddy Denton, agente
George Frederick, agente
Rupert Libby, agente
Toby Whelan, agente
Jackie Wettington, agente
Linda Everett, agente
Stacey Moggin, agente/secretária
Junior Rennie, agente especial
Georgia Roux, agente especial
Frank DeLesseps, agente especial

Melvin Searles, agente especial
Carter Thibodeau, agente especial

SERVIÇO RELIGIOSO

Pastor Lester Coggins, Igreja do Santo Cristo Redentor
Pastora Piper Libby, Primeira Igreja Congregacional

PESSOAL MÉDICO

Ron Haskell, médico
Rusty Everett, auxiliar médico
Ginny Tomlinson, enfermeira
Dougie Twitchell, enfermeiro
Gina Buffalino, enfermeira voluntária
Harriet Bigelow, enfermeira voluntária

CRIANÇAS

Little Walter Bushey
Joe «Espantalho» McClatchey
Norrie Calvert
Benny Drake
Judy e Janelle Everett
Ollie e Rory Dinsmore

PERSONAGENS DIGNAS DE NOTA

Tommy e Willow Anderson, proprietários e gerentes do bar
Dipper's
Stewart e Fernald Bowie, proprietários e gerentes da Agência
Funerária Bowie
Joe Boxer, dentista
Romeo Burpee, proprietário e gerente dos Armazéns Burpee's
Phil Bushey, chefe de cozinha de reputação duvidosa
Samantha Bushey, a sua mulher
Jack Cale, gerente do Food City
Ernie Calvert, gerente do Food City (aposentado)
Johnny Carver, funcionário da loja de conveniência
Alden Dinsmore, produtor de leite
Roger Killian, criador de galinhas
Lissa Jamieson, bibliotecária

Claire McClatchey, mãe de Joe Espantalho
Alva Drake, mãe de Benny
Stubby Norman, antiquário
Brenda Perkins, mulher do chefe Perkins
Julia Shumway, editora e diretora do jornal local
Tony Guay, jornalista desportivo
Pete Freeman, fotojornalista
Sam «Relaxado» Verdreaux, bêbedo da cidade

FORASTEIROS

Alice e Aidan Appleton, órfãos da Cúpula («Cupórfãos»)
Thurston Marshall, intelectual com conhecimentos médicos
Carolyn Sturges, estudante de pós-graduação

CÃES DIGNOS DE NOTA

Horace, *corgi* galês de Julia Shumway
Clover, pastor-alemão de Piper Libby
Audrey, *golden retriever* da família dos Everetts

**A AVIONETA
E A MARMOTA**

1

A dois mil pés, altitude a que Claudette Sanders recebia uma aula de voo, a cidade de Chester's Mill cintilava à luz da manhã como algo feito há pouco tempo e ali pousado. Os carros que percorriam Main Street relampejavam ao sol. A torre da Igreja Congregacional parecia suficientemente afiada para perfurar o céu imaculado. O sol percorria a superfície do riacho Prestile quando o *Seneca V* o sobrevoou, avioneta e água atravessando a cidade na mesma rota diagonal.

— Chuck, acho que estou a ver dois rapazes ao lado da Peace Bridge! À pesca! — A alegria incontida fê-la rir-se. As aulas de voo eram oferta do marido, primeiro conselheiro da cidade. Apesar de achar que, se Deus quisesse que o homem voasse, lhe teria dado asas, Andy era um homem fácil de convencer e Claudette acabara por levar a sua avante. Adorava a experiência desde o princípio. Porém, não era só um simples prazer; era êxtase. Naquele dia percebera pela primeira vez o que tornava o voo uma experiência tão fantástica. O que o tornava tão extraordinário.

Chuck Thompson, o instrutor, tocou delicadamente na alavanca de comando e apontou para o painel de instrumentos.

— Não duvido — disse ele —, mas vamos manter o lado branco para cima, Claudie, está bem?

— Desculpa, desculpa

— Ora essa. — Há anos que ensinava pessoas a voar e gostava de alunos como Claudie, ansiosos por aprenderem coisas novas. Em breve poderia custar um bom dinheiro a Andy Sanders; adorava o *Seneca* e já tinha dito que queria um igualzinho, só que novo. Estávamos a falar de perto de um milhão de dólares. Embora não fosse exatamente mimada, era inegável que Claudie Sanders tinha gostos caros que Andy, sortudo, parecia conseguir satisfazer sem grande dificuldade.

Chuck também gostava de dias como aquele: visibilidade ilimitada, sem vento, condições perfeitas para ensinar. Ainda assim, o *Seneca* balançou ao de leve quando Claudie exagerou na correção da rota.

— Estás a distrair-te. Não faças isso. Põe-te a cento e vinte. Baixamos pela estrada cento e dezanove. E desce para os novecentos.

Ela assim fez, o equilíbrio do *Seneca* novamente perfeito. Chuck descontraiu-se.

Sobrevoaram o stande de carros usados de Jim Rennie e depois a cidade ficou para trás. Havia campos de ambos os lados da 119 e árvores a arder de cor. A sombra cruciforme do *Seneca* voou pelo asfalto, uma asa escura a roçar rapidamente um homem-formiga com uma mochila às costas. O homem-formiga olhou para cima e acenou. Chuck retribuiu o aceno, embora soubesse que o homem não conseguia vê-lo.

— Caramba, que dia *lindo!* — exclamou Claudie.

Chuck riu.

A vida de ambos duraria mais quarenta segundos.

2

A marmota avançava a bambolear pela berma da estrada 119, na direção de Chester's Mill, embora a cidade ainda estivesse a mais de dois quilómetros e o stande de carros usados de Jim Rennie não passasse de uma série de clarões faiscantes dispostos em fila no ponto onde a estrada curvava para a esquerda. A marmota planeava (tanto quanto se pode dizer que as marmotas planeiam) voltar para a floresta muito antes de chegar até ali. Mas, por enquanto, a berma era um sítio agradável. O animal afastara-se da toca muito mais do que pretendia, mas o sol aquecia-lhe as costas e os odores afloravam-lhe o nariz formando representações rudimentares — não propriamente imagens — no cérebro.

A marmota parou e ergueu-se um instante nas patas traseiras. Os seus olhos já não eram tão bons como antigamente, mas ainda serviam para distinguir um humano vindo na sua direção pela berma oposta.

Decidiu ainda assim avançar mais um pouco. Às vezes os humanos deixavam para trás coisas boas de comer.

A marmota estava velha e gorda. Nos bons velhos tempos, saqueara muitos caixotes de lixo e conhecia o caminho até ao aterro de Chester's

Mill tão bem como os três túneis da sua toca; havia sempre coisas boas para comer no aterro. Avançou com o bambolear complacente dos velhos, de olho no humano que caminhava do outro lado da estrada.

O homem parou. A marmota percebeu que fora vista. À direita e um pouco mais à frente havia uma bétula caída. Ia esconder-se de baixo dela, esperar que o homem passasse e depois investigar se havia alguma coisa saborosa para...

A marmota chegou até esse ponto nos seus pensamentos — e deu mais três passos bamboleantes — embora tivesse sido cortada ao meio. Então caiu à beira da estrada. O sangue saiu a jorros e borbotões; as vísceras resvalaram para o chão; as patas traseiras deram duas sacudidelas rápidas e imobilizaram-se.

O seu último pensamento antes da escuridão que nos chega a todos, marmotas e seres humanos, foi: *O que aconteceu?*

3

Todos os ponteiros do painel de instrumentos caíram como folhas mortas.

— Que *raio* foi aquilo? — perguntou Claudie Sanders.

Virou-se para Chuck. Tinha os olhos arregalados, mas não havia pânico neles, apenas perplexidade. Não houve tempo para pânico.

Chuck não teve tempo de ver o painel. Viu o nariz do *Seneca* enrugar-se na sua direção. Depois viu as duas hélices desintegrarem-se.

Não houve tempo para ver mais. Não houve tempo para nada. O *Seneca* explodiu acima da estrada 119 e precipitou-se numa chuva de fogo sobre os campos. Precipitou também pedaços de corpos. Um antebraço fumegante — de Claudette — aterrou com um baque surdo ao lado da marmota perfeitamente dividida.

Era 21 de outubro.

BARBIE

1

Barbie começou a sentir-se melhor assim que passou diante do Food City e deixou para trás o centro da cidade. Quando viu o cartaz que dizia *ESTÁ A SAIR DE CHESTER'S MILL. VOLTE MUITO EM BREVE!*, sentiu-se ainda melhor. Estava contente por se ir embora, e não só porque levava uma bela tarefa em Mill. Era o simples facto de se pôr de novo em movimento que o alegrava. Andara pelo menos duas semanas debaixo da sua própria nuvem negra antes de levar aquela tarefa no estacionamento do Dipper's.

— Basicamente, sou apenas um vagabundo — disse e riu-se. — Um vagabundo a caminho do grande mundo. — Ora bolas, porque não? O Montana! Ou o Wyoming. Ou a maldita Rapid City, no Dakota do Sul. Qualquer sítio menos aqui.

Ouviu um motor aproximar-se, virou-se — agora a andar de costas — e levantou o polegar. O que viu foi uma combinação encantadora: uma carrinha de caixa aberta *Ford* velha e suja com uma jovem loura e fresca ao volante. Louro-acinzentado, o louro de que mais gostava. Barbie esboçou o seu sorriso mais cativante. A rapariga que conduzia a carrinha respondeu com um sorriso dos seus e, oh meu Deus!, se ela tivesse um nadinha mais do que dezanove anos ele comeria o seu último cheque do Sweetbriar Rose. A rapariga era demasiado jovem para um cavalheiro de trinta primaveras, sem dúvida, mas perfeitamente dentro da lei, como diziam nos tempos da sua juventude alimentada a milho no Iowa.

O veículo desacelerou, ele começou a correr na sua direção... e depois a carrinha acelerou de novo. A rapariga lançou-lhe mais um olhar fugaz ao passar. O sorriso ainda estava no rosto, mas tornara-se um sorriso de arrependimento. *Tive um espasmo cerebral durante um minuto, dizia o sorriso, mas agora cáí em mim.*

E Barbie pensou reconhecê-la de algum lado, embora fosse impossível dizer com certeza; as manhãs de domingo no Sweetbriar eram

sempre um pandemônio. No entanto, ele achou que a vira com um homem mais velho, talvez o pai, os dois com o rosto quase enterrado nas páginas do *Sunday Times*. Se conseguisse ter falado com ela, teria dito: *Se confiaste em mim para comeres os meus ovos com salsichas, com certeza podias confiar em mim para me dares boleia durante alguns quilómetros.*

Mas é claro que não teve oportunidade, portanto ergueu simplesmente a mão numa pequena saudação sem rancores. As luzes traseiras da carrinha acenderam-se, como se a rapariga estivesse a reconsiderar. Depois apagaram-se e o veículo acelerou.

Nos dias seguintes, quando as coisas em Mill começaram a ir de mal a pior, ele regressaria várias vezes a esse breve instante sob o sol quente de outubro. Era naquele breve acender das luzes de travagem que ele pensava... como se afinal ela o tivesse reconhecido. *É o cozinheiro do Sweetbriar Rose, tenho quase a certeza. Talvez devesse...*

Mas «talvez» era um abismo em que homens melhores do que ele tinham caído. Se ela *tivesse* reconsiderado, tudo na vida dele dali para a frente teria mudado. Porque ela deve ter conseguido sair; ele nunca mais viu a loura de rosto fresco nem o velho e sujo Ford F-150. A rapariga deve ter atravessado a fronteira da cidade de Chester's Mill minutos (ou até segundos) antes de a fronteira ser fechada. Se estivesse com ela, estaria lá fora, são e salvo.

A menos, é claro, pensaria ele depois, quando o sono não vinha, que a paragem para me recolher fosse suficientemente longa para ser demasiado tarde. Nesse caso, provavelmente eu já não estaria aqui. Nem ela. Porque o limite de velocidade naquela direção na 119 é de oitenta quilómetros por hora. E a oitenta quilómetros por hora...

Naquele ponto, pensava sempre na avioneta.

2

A avioneta sobrevoou-o logo depois de ele passar pelo stande de carros usados de Jim Rennie, um sítio pelo qual não sentia qualquer estima. Não é que tivesse comprado ali algum chaco (há mais de um ano que não tinha carro, vendera o último em Punta Gorda, na Florida). Só que Jim Rennie Junior fora um dos tipos daquela noite no estacionamento do Dipper's. Ex-estudante universitário, membro de uma república a precisar de provar alguma coisa, e o que não conseguia provar sozinho provava em grupo. De acordo com a experiência de Barbie, era assim que os Jim Juniors do mundo faziam as coisas.